ATHENAS REVISTA DE DIREITO, POLÍTICA E FILOSOFIA

# A POLARIZAÇÃO POLÍTICA ENQUANTO FENÔMENO LINGUÍSTICO

## *POLITICAL POLARIZATION AS A LINGUISTIC PHENOMENON*

*Rafael Gaspar Hoffmann*[1]
*André Luiz da Silva*[2]

**RESUMO**: O presente trabalho apresenta a relação entre a polarização política e processos linguísticos, demonstrando como estes são capazes de influenciar o processo de polarização da sociedade. Para tanto, num primeiro momento estuda-se como processos linguísticos se reproduzem, considerando, ainda, o suporte psíquico da linguagem, instrumental para o tema em análise, na medida em que carrega de sentido o suporte material da linguagem ao qual está associado. Em seguida, apresenta-se em que consiste o fenômeno de polarização política, como se desenvolve e como é capaz de ameaçar regimes democráticos. E por fim, este estudo examina a relação entre os institutos previamente explorados, atingindo seu clímax apresentando as características de processos comunicacionais em sociedades altamente polarizadas, demonstrando que o processo de polarização política é catalisado, dentre outros fatores que não são objeto deste estudo, por processos linguísticos débeis tanto do ponto de seus suportes materiais, como do suporte psíquico, mais ou menos dissociado de racionalidade.
**PALAVRAS-CHAVE**: Linguagem. Democracia. Polarização política.

**ABSTRACT**: This essay presents the relation between political polarization and linguistic phenomena, demonstrating how the latter can influence social polarization. To that end, first, it is portrayed how linguistic processes occur, considering its psychic support, which is paramount topic of this study, as it provides meaning to the linguistic material support to which it is associated. After, it is answered what is the political polarization phenomenon, how it develops and how is it capable to threat democratic regimes. Last, this study examines the relation between the previously explored institutes, reaching its climax presenting the particular features of communicational processes in highly polarized societies, disclosuring that political polarization processes are catalyzed, among other factors which are not object of scrutiny in this paper, by feeble linguistic processes, considering both their material support, as well as their psychic support, which is somewhat dissociated from reason.
**KEY-WORDS**: Language. Democracy. Political polarization.

**SUMÁRIO**: INTRODUÇÃO; 1. O FUNCIONAMENTO DA LINGUAGEM; 2. ESTABELECIMENTO DE UM CONCEITO DE POLARIZAÇÃO POLÍTICA; 3. CARACTERÍSTICAS DE PROCESSOS DE COMUNICAÇÃO EM SOCIEDADES POLARIZADAS; CONSIDERAÇÕES FINAIS; REFERÊNCIAS

[1] Mestre em Direitos Econômicos, Sociais e Culturais pelo Centro Universitário Salesiano de São Paulo – UNISAL, especialista em Direito Processual Civil pela Faculdade Damásio de Jesus, graduado em Direito pela Universidade de Taubaté – UNITAU. Professor de Direito Constitucional, História do Direito, Direito Internacional, Direito e Planejamento Tributário e Direito Administrativo na Faculdade Santo Antônio (Campus de Caçapava e São José dos Campos). Coordenador do Grupo de Estudo e Pesquisa em Estado Democrático de Direito e Direitos Fundamentais e do Grupo de Extensão do Escritório de Inovação Jurídica na digitada instituição. Membro da CPA e dos NDEs dos cursos de Direito e Administração da Faculdade Santo Antônio (Caçapava/SP). Advogado e consultor jurídico. E-mail: rafael.hoffmann@fsantoantonio.edu.br. ORCID 0000-0003-1627-3460. Currículo Lattes: http://lattes.cnpq.br/0890807825299368

[2] Doutor em Ciências Sociais e mestrado em Ciências da Religião pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP) e graduação em Ciências Sociais pela Universidade de São Paulo (USP). Professor de Sociologia e Antropologia na Universidade de Taubaté (UNITAU). Professor de Diversidade Humana, Direitos Humanos, Ciência Política e Teoria Geral do Estado na Faculdade Santo Antonio (FSA). Coordenador do Centro de Defesa de Direitos Humanos Pedro Lobo (CDDH-PL) do Vale do Paraíba, SP. Email: andre.silva@fsantoanotnio.edu.br. ORCID 0000-0002-6974-0723. Currículo Lattes: http://lattes.cnpq.br/1130631872986412

## INTRODUÇÃO

Para bem compreender o fenômeno de polarização política, inicialmente, é preciso saber como este se instrumentaliza, ou seja, como ele se reproduz e se perpetua na sociedade. Partindo do princípio de que a polarização política se constitui como fenômeno interpessoal, torna-se patente a relevância da linguagem como *medium* de antagonismos. Tal fenômeno se atualiza, em grande medida, como oposição discursiva. A própria palavra "polarização" pressupõe a presença de representações que se encontram em extremos opostos.

Assim sendo, por meio de pesquisa bibliográfica não sistemática, serão apresentados, num primeiro momento, os processos por meio dos quais se desenvolve a linguagem em circunstâncias normais. Em seguida, discorrer-se-á acerca da linguagem e suas características numa situação de polarização política como ocorre no Brasil. Através deste estudo, será possível analisar os fenômenos sociais, característicos da polarização política, decorrentes da disrupção linguística.

Em outras palavras, pretende-se arguir que a polarização política se opera através da fragilidade de processos linguísticos, o que, naturalmente, não impede que, num segundo momento, a disrupção linguística venha a extravasar para o campo social, com atos de violência e discriminação, provocando ou contribuindo para a ruptura do tecido social, o que não pode ocorrer, se o propósito é salvaguardar a democracia, para a qual também são imprescindíveis processos dialógicos.

## 1. O FUNCIONAMENTO DA LINGUAGEM

Para bem compreender os fenômenos e mecanismos linguísticos sobre os quais se funda o presente estudo, forçoso é iniciá-lo com uma abordagem fornecida pelos pensadores que se dedicaram e se dedicam à filosofia da linguagem.

De acordo com Louis Trolle Hjelmslev (1975, p. 185), a linguagem se trata de mecanismo por meio do qual o ser humano é capaz de exteriorizar aquilo que há em seu íntimo. Assim, emoções, desejos e pensamentos de um indivíduo podem ser transmitidos a seus semelhantes graças à linguagem. Sob um prisma político, a linguagem é o que permite que uma pessoa possa influenciar e sofrer influência de seus semelhantes. Por este aspecto, tem-se que, de acordo com Ivan Martins Motta

e Rafael Gaspar Hoffmann (2018), “a linguagem é o mais profundo alicerce da sociedade humana”.

Assim é porque sem a linguagem não haveria qualquer possibilidade de as pessoas coordenarem ideias entre si. Não haveria, portanto, como a sociedade ou os indivíduos canalizarem esforços para satisfazer os mais variados bens da vida necessários ao convívio social.

Certamente, não se pode tomar a linguagem meramente como a simples reunião de fonemas e símbolos. Isto porque existe todo um conjunto de fatores de natureza física, psicológica, fisiológica, lógica e sociológica que fazem parte dos processos linguísticos. Estes vários fatores interagem mutuamente entre si, criando um suporte estrutural linguístico de natureza *sui generis*.

Para que possa ser exteriorizada, a linguagem exige algum tipo de suporte físico ou material, que pode ser a fala, a escrita, ou ainda, a simples gesticulação, para apresentar algumas das inúmeras possibilidades. Neste sentido, oportuna a lição de Paulo de Barros Carvalho (2015, p. 31), ao expor que “O vestuário, a culinária, a arquitetura, a música, as artes plásticas são também códigos e, no quadro de seus limites, deles se aproveitam as criaturas humanas para estabelecer interações do mesmo tipo”. O excerto acima ilustra como os suportes materiais para fins de comunicação são vastos a ponto de poderem ser considerados, talvez, inumeráveis.

Contudo, a linguagem não se completa apenas com seu suporte físico, isto porque cabe ao locutor carregar seus suportes físicos de sentido, o que é possível somente graças aos fatores psicológicos, lógicos, sociológicos e antropológicos da linguagem.

A atribuição de sentido de uma determinada comunicação é construída pelo compartilhamento dos significados culturais, como expõe o professor Paulo de Barros Carvalho (2015, p. 34), o que é corroborado por Lev Semenovictch Vygostsky (1993, p. 103), para quem a relação entre pensamento e comunicação se trata de um produto do desenvolvimento histórico da consciência humana. Para melhor compreender a relação entre o significado de uma palavra e os fenômenos intelectivos do locutor, recorre-se, mais uma vez, ao pensamento de Vygotsky (1993, p. 104), que estabelece que:

> O significado de uma palavra representa um amálgama tão estreito do pensamento e da linguagem, que fica difícil dizer se se trata de um fenômeno da fala ou de um fenômeno do pensamento. Uma palavra sem

> significado é um som vazio: o significado, portanto, é um critério da "palavra", seu componente indispensável. Pareceria, então, que o significado poderia ser visto como um fenômeno da fala. Mas, do ponto de vista da psicologia, o significado de cada palavra é a generalização de um conceito. E como as generalizações e os conceitos são inegavelmente atos do pensamento, podemos considerar o significado como um fenômeno do pensamento.

De acordo com o exposto por Vigotsky, portanto, tem-se que o ato de se comunicar exige tanto um suporte físico quanto um suporte intelectual ou psíquico, sem o qual não se poderia criar um código. O código existe no processo de comunicação, portanto, porque aos signos utilizados pelo suporte físico do locutor corresponde a uma ou mais ideias que este lhe atribui. Sem o suporte psíquico, ter-se-ia, como expõe Vygostsky, apenas "sons vazios".

Fica patente, pelas exposições acima, que o pensamento e a racionalidade possuem relevante função de fornecer um suporte psíquico, sobre o qual vai se fundar a mensagem.

Contudo, o processo de comunicação não se encerra aqui. Isto porque é preciso considerar a comunicação como ferramenta interpessoal, o que exige ao menos outra pessoa no processo: o interlocutor. O interlocutor, naturalmente, é aquele a quem o locutor dirige a mensagem, a qual, como visto, está revestida por um código.

Para receber a mensagem, cabe ao interlocutor decodificá-la. Para que assim seja, deve ele submeter a mensagem ao seu próprio suporte psíquico, o que se pode chamar de "significação", segundo Carvalho (2015, p. 35).

Portanto, pode-se concluir que cada indivíduo teria seu próprio suporte psíquico, influenciado por fatores externos, tais como condição social, estilo de vida, contexto histórico-social, profissão, cultura; e fatores internos[3], como sua personalidade e percepção.

Para fins de corroborar o quanto exposto acima, recorre-se ao pensamento de Niklas Luhmann (2016, p. 497), para o qual os sistemas psíquicos[4] são autorreferenciais, sendo que estes "[...] processam [...] a sua autorreferência sob a forma de consciência".

[3] Não se pode, igualmente, desprezar o papel do inconsciente nos processos de comunicação. Os inconscientes do locutor e interlocutor têm relevante papel no processo de comunicação. Para mais informações sobre a função do inconsciente na comunicação recomenda-se a leitura de MOTTA e HOFFMAN, (2018).

[4] Oportuno lembrar que Luhmann (2016), dentro de sua teoria dos sistemas, considera os indivíduos (sujeitos) como sistemas psíquicos, pautados por sua autorreferencialidade e autopoiese.

Diante disso, tem-se que quanto mais próximos os fatores internos e externos que influenciam a personalidade do locutor e do interlocutor, mais semelhantes serão seus suportes psíquicos. Nesta situação, o processo de decodificação, pelo interlocutor, seguiria os mesmos padrões de codificação impostos pelo locutor, do que se poderia concluir que a mensagem compreendida por aquele seria fidedigna àquela projetada ou pretendida por este último.

O inverso também é verdadeiro, isto porque se locutor e interlocutor possuírem suportes psíquicos bastante diferentes, este último não será capaz de decodificar corretamente a mensagem tal como pretendida por aquele. Aliás, é possível que o interlocutor sequer seja capaz de decodificar a mensagem.

Assim, é possível a existência de uma discrepância entre o que expressa o locutor e o que compreende o interlocutor. Roman Jakobson (1975, p. 67) chama tal discrepância de “dicotomia código/mensagem”. Jürgen Habermas (2012, p. 28), por sua vez, aborda esta discrepância como a diferença existente entre o pensamento e a representação.

Neste item, pôde-se apresentar, de uma forma geral, o funcionamento da linguagem articulada, cuja relevância para processos comunicacionais fundados no pensamento e racionalidade não pode ser desprezada.

No próximo item, será apresentado, em linhas gerais, em que consiste o fenômeno de polarização política para que, num terceiro momento, seja possível analisar como ela afeta a linguagem e a comunicação entre os indivíduos.

## 2. ESTABELECIMENTO DE UM CONCEITO DE POLARIZAÇÃO POLÍTICA

Para se analisar como a polarização política afeta os processos de comunicação, primeiro é necessário compreender em que consiste tal polarização. Conquanto a definição e conceituação do que é o fenômeno de polarização política não seja o tema central deste trabalho, é necessário apresentar um panorama geral sobre ele para que se possa compreender, num segundo momento, como ele é capaz de afetar os processos de comunicação.

Antes de mais nada, cumpre consignar que o fenômeno da polarização política somente possui relevância em sociedades que se organizam e se governam por meios mais ou menos democráticos. Não se fala aqui de uma democracia plena, como a participativa ou deliberativa. Aliás, formas muito aperfeiçoadas de

democracia parecem refratárias ao fenômeno de polarização política. A polarização política possui meios mais prolíficos de prosperar em sociedades em que vige uma democracia meramente representativa ou empírica[5].

Segundo Alejandro Serrano Caldera (2005, p. 22), diferentemente da democracia clássica, a democracia moderna é pautada por uma dicotomia entre o Estado e a sociedade civil. O pensamento de Serrano Caldera é ratificado por Habermas (2014, p. 110-111), isto porque, para o professor alemão, a sociedade civil, que se contrapõe ao Estado, surge a partir das corporações de ofício. Vale dizer que é esta separação entre Estado e sociedade que permite conceber esta última como uma associação de pessoas, o que, por sua vez, dá origem à teoria contratualista na Idade Moderna.

Outro fator relevante para bem compreender o fenômeno de polarização política é a revolução industrial. Neste sentido, de acordo com Hoffmann (2021, p. 96):

> A política liberal do século XIX, acompanhada da industrialização, sobretudo na Europa e Estados Unidos, trouxe consequências para a nova classe social, necessária para manipular o maquinário: a classe operária. Falta de regulação da jornada de trabalho, inexistência de parâmetros para segurança, saúde e higiene dos trabalhadores, trabalho infantil, assédios sexuais e morais tidos como “modus operandi” e intrinsecamente ligados à rotina das trabalhadoras e trabalhadores, além da presença de capatazes que fiscalizavam os trabalhadores e os castigavam, fisicamente, por desvios verificados, davam o contorno da vida do operariado. Eram os verdadeiros “Boa-Morte”, de Émile Zolá.

Assim foi na medida em que se permitiu que o mercado figurasse como fator determinante das relações econômicas e sociais, o que, por sua vez, foi possível graças à ideia vigente de Estado abstencionista, difundida pela Santa Aliança após a derrota de Napoleão Bonaparte em 1815, que contribuiu para polarizar a sociedade, dividindo-a de modo bastante contundente[6]. De um lado, os detentores dos meios de produção, de outro, os trabalhadores operários. Isto porque decidiu-se restringir o ideário liberal apenas ao campo econômico.

Esta situação, segundo Serrano Caldera (2005, p. 28) desencadeou uma grave crise social, a que se dá o nome de “questão social”, a qual provocou uma

[5] Considera-se “democracia” como uma palavra polissêmica e, portanto, dotada de vários sentidos. Este, contudo, não é o tema do presente trabalho. Para uma abordagem dos vários matizes de democracia e a correspondente qualidade dos respectivos processos democráticos, ver Hofmann (2021).

[6] Isto porque se buscou temperar ou arrefecer o ideário da revolução de 1789, até mesmo como forma de reinstituir as monarquias derrubadas ao longo das invasões napoleônicas.

reação ao estado de coisas, produzindo condições para o surgimento de um Estado que regulasse os sistemas econômicos e sociais. Tem-se aqui o Estado de bem-estar social, ou o *wellfare State*.

Ocorre que no início do século XX, irrompe a teoria neoliberal, que surge para, nas palavras de Serrano Caldera (2005, p. 28), transformar a "[...] visão e o imaginário da vida e da história prevalecentes até então". Aliás, é justamente a partir do século XX que os efeitos da polarização política começam a se tornar evidentes, na medida em que se tornam cada vez mais extremados.

Os efeitos da polarização podem ser sentidos nos mecanismos e na dinâmica democrática de um Estado e sociedade. É justamente a partir da intensidade de seus efeitos que se pode medir sua extensão. Nesse sentido, vale considerar a lição de Steven Levitsky e Daniel Zibblatt (2018, p. 20):

> O enfraquecimento de nossas normas democráticas está enraizado na polarização sectária extrema – uma polarização que se estende além das diferenças políticas e adentra conflitos de raça e cultura. Os esforços dos Estados Unidos para alcançar a igualdade racial enquanto a sociedade norte-americana se torna cada vez mais diversa alimentaram uma reação insidiosa e a intensificação da polarização. E se uma coisa é clara ao estudarmos colapsos ao longo da história, é que a polarização extrema é capaz de matar democracias.

A polarização de ideias, seja no campo político, econômico ou social, começa a produzir a desagregação da sociedade, isto porque, por meio delas, surge o que Serrano Caldera (2005, p. 33) aponta como "reduções etnoculturais", ou seja, "[...] microssociedades nas quais revivem com uma natureza tribal distintas formas de fundamentalismos religiosos e raciais excludentes, autoritários e herméticos [...]".

A consequência da proliferação de microssociedades fundamentalistas é a natural derrocada de tolerância e comedimento entre os atores sociais. O problema disso, segundo Levitsky e Ziblatt (2005, p. 20), é que:

> Normas de tolerância e comedimento serviam como grades flexíveis de proteção da democracia norte-americana, ajudando a evitar o tipo de luta sectária mortal que destruiu a democracia em outras partes do mundo, inclusive a Europa nos anos 1930 e a América do Sul nos anos de 1960 e 1970.

Nestes termos, importante observar que a quebra de tolerância e comedimento entre grupos ou membros da sociedade se dá justamente e, num primeiro momento, por meio de processos linguísticos, de onde se extrai a relevância do presente estudo.

Aqui, foi possível examinar e expor o que é e como de dá o processo de polarização política. No item seguinte, buscar-se-á retratar as características dos processos de comunicação em sociedades polarizadas, ou seja, tem-se por meta apresentar as transformações que o fenômeno de polarização impele à comunicação entre os indivíduos.

## 3. CARACTERÍSTICAS DE PROCESSOS DE COMUNICAÇÃO EM SOCIEDADES POLARIZADAS

Após apresentar o funcionamento padrão dos processos de comunicação e estabelecer um panorama da polarização política e social que se desenha na sociedade, neste item, serão analisadas as características dos processos de comunicação em sociedades altamente polarizadas. Este é o tema central do presente estudo.

No primeiro item, foi possível demonstrar que, aos suportes físicos ou materiais, por meio dos quais se dá o fenômeno de comunicação, assiste um suporte psíquico que, juntamente com o suporte coletivo (social), são responsáveis por carregar de sentido uma determinada mensagem. Logo, é possível dizer que ao se afetar a qualidade dos suportes psíquico e social, é possível alterar a qualidade da mensagem.

Em circunstâncias ideais, era de se esperar que os processos de comunicação fossem pautados por fatos e evidências, o que sugeriria uma profunda racionalidade a embasar processos linguísticos. Contudo, o ser humano é uma criatura complexa e sua racionalidade, ou suporte psíquico é suscetível de várias flutuações. Sobre o tema, oportuno é o pensamento de John Cook e Sander Van der Linden:

> Pessoas são complexas, **sociais** e afetadas por uma diversa gama de influências a depender da situação. Nós queremos ter visão de mundo acuradas, mas emoções, identidades de grupo e objetivos conflitantes podem atrapalhar. Incorporar estas diferentes perspectivas ao pensamento humano enriquece nossa compreensão acerca de como as pessoas opinam e formam opiniões. (*The Conversation* – tradução nossa, grifamos). [7]

[7] Na obra consultada, os autores expõem originalmente: “People are complex, social and affected by a diverse range of influences depending on the situation. We want to hold accurate views, but emotions, group identities and conflicting goals can get in the way. Incorporating theses different insights into human thinking enriches our understanding of how people form opinions and make decisions”.

Do exposto acima, é seguro dizer que o suporte psíquico não será exclusivamente racional. Ele é também simbólico e envolve o compartilhamento de significados culturais e valores, portanto, é social. Aliás, como exposto anteriormente, até mesmo fatores inconscientes influem no suporte psíquico da comunicação humana.

Nesse sentido, é possível que a polarização social tenha afetado o suporte psíquico na medida em que desperta para a natureza gregária do ser humano, que precisa ter um grupo para pertencer, cujas fronteiras sejam claramente definidas. Esta hipótese deriva da própria lição de Serrano Caldera, anteriormente apresentada, acerca da formação de microssociedades fundamentalistas. Significa dizer, com outras palavras, que pertencer ao grupo é mais importante do que fatos ou evidências que se possam apresentar como racionais ou lógicas; importa mais encontrar sentido e coerência simbólica para a visão de mundo específica.

Aqui cabe um parêntese para acrescer o pensamento de Carl Sagan. Em seu romance intitulado “Contato” (2017), o digitado astrofísico já dizia, através de suas personagens, que não se poderia convencer um crente [*believer*] de coisa alguma, pois suas crenças não seriam baseadas em evidências, mas sim na sua profunda necessidade de acreditar[8].

As microssociedades fundamentalistas, para utilizar a expressão de Serrano Caldera, portanto, parecem utilizar cada vez menos a racionalidade como componente do suporte psíquico da linguagem.

A transformação da sociedade industrial em uma sociedade digital também contribui para esta situação. O surgimento das plataformas digitais alterou a natureza das arenas políticas. Isto porque as arenas digitais são pautadas por algoritmos, cuja função é monitorar o funcionamento dos usuários e colocá-los em contato com temas que lhes agradem (O dilema das redes, 2020; BUENO. Chris, 2017). Significa dizer que as arenas digitais perdem sua neutralidade[9].

[8] A obra de Sagan lida com questões relacionadas à crença religiosa numa divindade, o que é questionado pelo ceticismo científico na medida em que para a ciência, não há nenhuma prova concreta e indisputável de que uma entidade suprema governadora do cosmos verdadeiramente exista. O excerto em questão, aborda justamente a incapacidade de se questionar seu próprio ponto de vista e visão de mundo e de conceber a possibilidade de estar errado, por mais argumentos que se lhe possam apresentar nesse sentido. Sagan, aponta, portanto, que a visão de mundo de pessoas assim não seria concebida por meio de processos racionais.

[9] Sobre a neutralidade das arenas políticas e sua importância para processos democráticos, leia-se Hoffmann (2021).

Ao ter maior contato com apenas pessoas, opiniões, imagens, notícias que agrada o usuário, as arenas digitais reforçam a autopoiese e autorreferencialidade dos sistemas sociais e psíquicos, diminuindo as possibilidades de pensamento crítico. Isto porque, ao ter suas convicções constantemente reforçadas, indivíduos adquirem certo grau de firmeza e segurança sobre suas opiniões. Trata-se, verdadeiramente, de uma bolha que filtra conteúdos e pessoas, impedindo a entrada de pontos de vistas diferentes.

Com o tempo, após constante reforço das próprias crenças, é possível que mensagens, ideias e pessoas que apresentem pontos de vistas diferentes se tornem cada vez mais esquisitas, mais alienígenas, ao ponto de se tornarem inadmissíveis e, por fim, intoleráveis.

O resultado é que pessoas e ideias que apresentam pontos de vistas contrários ao paradigma de uma microssociedade fundamentalista começam a ser vistas por esta como inimigos, ou seja, como rivais a serem combatidos e derrotados. Já as mensagens que vêm de fora da microssociedade tornam-se o que hoje, jocosamente, chama-se “mimimi”. Esta expressão parece sugerir a impossibilidade do estabelecimento de comunicação sobre temas desagradáveis ou que desafiem as teses preconcebidas do interlocutor.

A princípio, a colisão entre pessoas e ideias divergentes se dá no campo linguístico. A ausência da racionalidade no discurso e no suporte psíquico do processo de comunicação parece corroer as bases dialógicas dos processos democráticos. Aliás, pode-se dizer que a qualidade dos procedimentos democráticos guarda direta relação com a qualidade dos processos linguísticos que lhe servem de substrato. Em outras palavras, processos linguísticos são mais qualificados em ambientes mais democráticos. A polarização política, portanto, surge do enfraquecimento de processos democráticos, provocado, dentre outros fatores, pela debilidade dos processos linguísticos nas diversas arenas políticas das sociedades contemporâneas.

Aqui há, também, algo interessante e digno de nota: a simplicidade da linguagem nos ambientes digitais. Segundo Tamara Nassif (2019):

> A velocidade com que nos comunicamos na internet exige símbolos que carregam sentidos muito pobres frente à complexidade dos nossos pensamentos e sentimentos [...]. Os emojis são exemplos disso: “Um emoji triste nunca será capaz de transmitir a dor do luto; um com vergonha jamais falará da dificuldade de socializar ou de uma timidez ligada a um trauma de constrangimento [...].

Sem dúvida, as reduções, abreviações, monossílabos e imagens que se desenvolvem pelos meios digitais, quando formas mais profundas de comunicação seriam recomendadas para exprimir ideias mais complexas, têm sua cota de participação no fenômeno de polarização. Aliás, a essa conclusão chega Nassif (2019), ao afirmar que:

> O empobrecimento das nossas formas de comunicar e a escassez de tempo, que concorre com a qualidade e profundidade do pensamento, são os responsáveis por empobrecer o discurso e dar a sensação de polarização [...]. Isso resulta em um agir pautado na ideia de que tudo é uma questão de sim ou não, certo ou errado, homem ou mulher, direita e esquerda.

Vê-se, portanto, que a polarização política possui um forte componente em processos linguísticos, que vêm se desenvolvendo de forma a alimentar a sectarização social. Seguramente, os processos linguísticos e comunicacionais na forma como se desenvolvem na atualidade não são os únicos catalisadores da polarização. Contudo, como visto, sua influência não pode ser desconsiderada.

Aliás, se os processos linguísticos são capazes de alimentar o fenômeno da polarização, também são passíveis de miná-lo. O surgimento de pesquisas e escolas de formação em comunicação não violenta, tais como propostas por PELIZZOLI (2012), são sinais de que parte da sociedade busca a superação da desagregação social provocada pela polarização.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O fenômeno de polarização política não é necessariamente novo, mas a transformação da sociedade industrial em uma sociedade digital, e com isso, o surgimento de novas formas de comunicação e a configuração das arenas virtuais como as novas *polity arenas* provocou profundas transformações sociais. Dentre elas, o afastamento de grupos sociais com ideias contrárias, criando verdadeiras bolhas em que vigora uma única ideia dominante.

A convivência com ideias que lhes são favoráveis, com a exclusão de ideias contrárias, acaba por reforçar a autopoiese e autorreferencialidade de sistemas psíquicos, sociais e culturais, o que, por sua vez, afeta processos de comunicação, que como visto, exigem um determinado suporte simbólico compartilhado constituinte da dimensão psíquica tanto do locutor como do interlocutor, uma vez

que a falta de um entendimento mínimo produziria, não o conflito, mas a incomunicabilidade. Até para divergir é necessário convergir em um mínimo de aspectos, o interlocutor precisa ser reconhecido como um outro, um adversário, sob pena de se produzir a sua negação enquanto ser humano e, por extensão, a negação da humanidade do próprio locutor.

O reforço autopoiético da polarização política produz uma racionalidade distorcida, que somada à pobreza, perda de qualidade dos processos linguísticos no meio virtual, torna grupos com ideias e ideais diversos incompatíveis, transformando o diálogo em ofensa gratuita, esticando no limite a possibilidade de se realizar aquilo que nos constitui como humanos: a comunicação linguística.

A repetição autopoiética chega a tal ponto de fazer com que pessoas com pontos de vista diferentes sejam vistas como inimigos a serem combatidos e eliminados, o que leva a polarização às últimas consequências, motivando violência, crimes, a desagregação da sociedade e a derrocada da democracia, que, como toda associação humana, exige uma base dialógica para ser viável.

## REFERÊNCIAS

BUENO, Chris. Algoritmo das emoções. **Ciência e Cultura**, v. 69, n. 4, p. 62-64, out 2017. Disponível em: http://dx.doi.org/10.21800/2317-66602017000400019. Acesso em 21 jul. 2021.

CARVALHO, Paulo de Barros. **Direito tributário, linguagem e método**. 6. ed. São Paulo: Noeses, 2015.

COOK, John; LINDEN, Sander Van der. Facts versus feelings isn't the way to think about communicating science. **The Conversation**. Disponivel em: https://theconversation.com/facts-versus-feelings-isnt-the-way-to-think-about-communicating-science-80255. Acesso em: 15 fev. 2021.

HABERMAS, Jürgen. **Direito e democracia:** entre facticidade e validade. Tradução de Flávio Beno Siebeneichler. 2. ed. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, v. 1, 2012.

_____. **Mudança estrutural da esfera pública**. Tradução de Denilson Luís Werle. São Paulo: Unesp, 2014.

HJELMSLEV, Louis Trolle. Prolegômenos a uma teoria da linguagem. *in***: Os pensadores.** Tradução de José Teixeira Coelho Netto. São Paulo: Abril Cultural, v. v. 49, 1975

HOFFMANN, Rafael Gaspar. **A democracia como mecanismo de concretização de direitos sociais**. Belo Horizonte: Dialética, 2021

JAKOBSON, Roman. A fonologia e relação com a fonética. *in*: **Os pensadores**. Tradução de J. Mattoso Câmara Júnior. São Paulo: Abril Cultural, v. v. 49, 1975. 61-95 p.

LEVITSKY, Steven; ZIBLATT, Daniel. **Como as democracias morrem**. Tradução de Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Zahar, 2018.

LUHMANN, Niklas. **Sistemas sociais:** esboço para uma teoria geral. Tradução de Antonio C. Luz Costa; Roberto Dutra Torres Junior e Marco Antonio dos Santos Casanova. Petrópolis: Vozes, 2016.

MOTTA, Ivan Martins; HOFFMAN, Rafael Gaspar. **Neutralidade política no processo educacional por meio de uma filosofia da liguagem:** efetividade do direito social fundamental à educação. Santiago: [s.n.], 2018.

NASSIF, Tamara. Polarização no meio digital dificulta diálogo social. **Agência Universitária de Notícias**, São Paulo, 5 jul. 2019. Disponível em: https://paineira.usp.br/aun/index.php/2019/07/05/polarizacao-no-meio-digital-dificulta-dialogo-social/. Acesso em 20 fev. 2021.

PELIZZOLI, Marcelo. Introdução à comunicação não violenta (CNV): reflexões sobre fundamentos e métodos. *In*: PELIZZOLI, Marcelo. *et. al*. **Diálogo, mediação e justiça restaurativa**: cultura de paz. Recife: Editora da UFPE, 2012. Disponível em: https://www.ufpe.br/documents/623543/624496/1_Marcelo_Pelizzoli_JR.pdf/28896c83-8bdb-4210-8fea-f04c565dca2b . Acesso em 17 set 2021.

SAGAN, Carl. **Contato**. Tradução de Paulo Geiger. São Paulo: Companhia das Letras, 2017.

SERANO CALDERA, Alejandro. **Razão, direito e poder:** reflexões sobre a democracia e a política. Tradução de Antonio Sidekum. São Leopoldo: Nova Harmonia, 2005.

VYGOTSKY, Lev Semenovictch. **Pensamento e linguagem**. Tradução de Jeferson Luiz Camargo. São Paulo: Martins Fontes, 1993.